



Gramaticalização do verbo “garantir” no português falado no município de Portel: um exercício sincrônico/funcional

Celso Frances Júnior

francesjunior@gmail.com

RESUMO

O verbo *garantir*, usado em contexto de primeira pessoa do singular no presente do indicativo, tem se apresentado com frequência no português falado no município de Portel, não somente como um verbo pleno, que apresenta sinônimos como *afiançar*, *afirmar como certo*, *servir de garantia*, *asseverar* etc., mas também numa forma modal epistêmica, onde o verbo garantir sofre uma reanálise que mostra um uso funcional indicativo da crença, opinião ou certeza do falante. O verbo “garanto” em seu uso epistêmico indica um grau de subjetividade onde o falante é fonte direta da informação vinculada ao discurso e ao falar de uma situação que mostra probabilidade. O falante projeta seu enunciado para um mundo de possibilidades, hipotético. O que nos motiva para os estudos de gramaticalização é o vasto campo que encontramos para estas pesquisas, pois nos parece ser muito comum, por exemplo, verbos da língua portuguesa passarem por reanálise ou ‘dessematizarem’ em contextos específicos, passando de itens lexicais para categorias gramaticais na língua. Este artigo pretende estudar um uso particularizado do verbo *garantir*, que parece passar de uma forma menos gramatical para outra mais gramatical, ocorrendo no final de uma sentença e funcionando como uma reafirmação da proposição do enunciado, na variedade falada no município de Portel, na Ilha do Marajó. A metodologia privilegia o discurso espontâneo extraído de um colaborador em momentos rotineiros. Foram selecionadas algumas sentenças construídas com o verbo *garantir* na flexão de primeira pessoa do singular do presente do indicativo. O objetivo deste exercício de gramaticalização com o verbo *garantir* é realizar uma análise sincrônica considerando os aspectos morfossintáticos e discursivos desta realização particular da construção verbal nos usos de falantes do município de Portel, no Marajó.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança linguística. Gramaticalização. Verbo garantir.

**Grammaticalization of the verb “To ensure” in portuguese speaking in
Portel municipality: A synchronous / functional exercise**

ABSTRACT

The verb to ensure, used in context of first person singular in the present indicative, has been presented frequently in the Portuguese spoken in the municipality of Portel, not only as a full verb, that presents synonyms like to assert, to affirm as certain, to serve as to ensure, asserting etc., but also in a modal epistemic form, where the verb to ensure suffers a reanalysis that shows a functional use indicative of the speaker's belief, opinion or certainty. The verb "to ensure" in its epistemic use indicates a degree of subjectivity where the speaker is a direct source of the information linked to the discourse and when speaking of a situation shows probability. The speaker design his statement to a world of possibilities, hypothetical. What motivates us to grammaticalization studies is the vast field that we find for these researches, since it seems to us to be very common, for example, verbs, from the Portuguese language, to be reanalysed or 'dematized' in specific contexts, passing from lexical intensities to grammatical categories in the language. This article intends to study a particularized use of the verb to ensure which seems to pass from a less grammatical to a more grammatical one, occurring at the end of a sentence and functioning as a reaffirmation of the proposition of the utterance, in the variety spoken in the municipality of Portel, Ilha do Marajó. The methodology privileges the spontaneous speech extracted from a collaborator in routine moments. We selected some sentences constructed with the verb to ensure in the first person singular bending of the present indicative. The objective of this grammaticalization exercise with the verb to ensure is to perform a synchronic analysis considering the morphosyntactic and discursive aspects of this particular realization of verbal construction in the uses of speakers of the Municipality of Portel, in Marajó.

KEYWORD: Linguistic change. Grammaticalization. Verb to ensure.

Artículo recibido: 25 nov. 2019

Aceptado para publicación: 06 dic. 2019

Correspondencia: francesjunior@gmail.com

Conflictos de Interés: Ninguna que declarar

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O verbo *garantir*, usado em contexto de primeira pessoa do singular no presente do indicativo, tem se apresentado com frequência no português falado no município de Portel, não somente como um verbo pleno, que apresenta sinônimos como *afiançar*, *afirmar como certo*, *servir de garantia*, *asseverar* etc., mas também numa forma modal epistêmica, na qual o verbo *garantir* sofre uma reanálise que mostra um uso funcional indicativo da crença, opinião ou certeza do falante. Essa modalidade epistêmica do verbo *garantir* marca o grau de envolvimento do falante no enunciado produzido, além de expressar explicitamente seu comprometimento com a verdade proferida no discurso (TIMÓTEO, 2011).

Quando se usa o verbo *garantir* no sentido concreto, pleno ou dicionarizado mais a primeira pessoa do singular no presente do indicativo, o falante certamente deverá usar sinônimos como os descritos acima e deverá construir sentenças como: *Garanto um novo emprego para você, meu amigo* (afirmar como certo); *Garanto-lhe que hoje não choverá* (asseverar); *Eu garanto a total confiança em Beltrano* (garantia). Já em seu uso epistêmico o falante exprime a atitude de suposição diante do enunciado numa construção onde o verbo “*garanto*” aparece fora da sentença, ou separado por vírgula e no final, criando uma reafirmação da verdade do proferimento: “*Ele vai sair hoje e não vem trabalhar amanhã. Garanto*”.

O verbo “*garanto*” em seu uso epistêmico indica um grau de subjetividade onde o falante é fonte direta da informação vinculada ao discurso e ao falar de uma situação mostra probabilidade. O falante projeta seu enunciado para um mundo de possibilidades, hipotético. Assim, o verbo *garantir*, nesse sentido, passa por um processo de “abstratização” de significados, os quais são entendidos para mapear conceitos de domínios mais gramaticais (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB GALVÃO, 2007, p. 42).

O que nos motiva para os estudos de gramaticalização é o vasto campo que encontramos para estas pesquisas, pois nos parece ser muito comum, por exemplo, verbos, da língua portuguesa, passarem por reanálise ou ‘dessematizarem’ em contextos específicos passando de itens lexicais para categorias gramaticais na língua.

O processo de gramaticalização é produto das mudanças que ocorrem na língua e esta é desencadeada pela enorme gama de variação que as línguas apresentam.

Na variedade linguística falada no interior do Marajó isso não é diferente, pois encontramos um uso particularizado do verbo *garantir*, que parece passar de uma forma menos gramatical para outra mais gramatical, ocorrendo no final de uma sentença e funcionando como uma reafirmação da proposição do enunciado.

A gramaticalização, no sentido restrito, é entendida como um processo pelo qual itens lexicais assumem, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Diante deste contexto e dos pressupostos teóricos dos estudos funcionalistas é que desenvolvemos este estudo de cunho mais sincrônico e considerando o uso real do verbo *garantir* na comunidade portelense.

REVISÃO TEÓRICA

Segundo Gonçalves (2003), todo sistema linguístico está sujeito a pressões que atuam no sentido da variedade e da unidade, de tal forma que as línguas exibem inovações e permanecem, contudo, coesas. Assim, as línguas exibem diferenças em relação a elementos que podem se apresentar como mais fixos ou variáveis no sistema linguístico. Esse fluxo de forças opostas é dimensionado pelo aspecto criativo do discurso, que impulsiona o surgimento das variações, e pela necessidade de comunicação, que direciona a língua para uma maior regularidade (GONÇALVES: 2003). Desse modo, as áreas que estão em constante fluxo tendem a caminhar em uma direção de maior regularidade, eliminando possíveis anomalias. Por outro lado, dentro do sistema linguístico, existem regularidades mais ou menos rígidas, ao mesmo tempo em que se encontram áreas que são maleáveis, que permitem aos usuários a liberdade de construção de seu discurso. Por motivos diversos, certos padrões novos tornam-se estabelecidos, dando origem a uma remodelação da gramática (VOTRE, 2004).

Dentre o universo das mudanças e variações linguísticas encontra-se um subconjunto de variações que descreve como um item lexical vem a desempenhar funções

gramaticais ou um item gramatical vem a assumir funções mais gramaticais ainda. Este fenômeno é denominado gramaticalização (GONÇALVES, 2003). Embora haja muita polêmica e dificuldades na definição do conceito de gramaticalização, por conta da multiplicidade dos estudos, muitas definições de gramaticalização foram abordadas por autores como: Meillet (1912), Lehmann (1982), Hopper & Traugott (1993), Heine et al. (1991) e Bybee et. al. (1991).

O termo gramaticalização surge com Meillet, em 1912. E para o autor é entendida como um fenômeno de transição entre categorias, apanhadas em seu processo no plano diacrônico. Meillet (1912) considera a gramaticalização como um dos principais processos de mudança gramatical. Inicialmente, ele propõe a existência de três classes de palavras: as palavras principais, as palavras acessórias e as palavras gramaticais, alertando para o fato de que entre elas há uma transição gradual que resulta na gramaticalização (COELHO, 2004).

Para Castilho (2010, p. 982) o termo refere-se ao “trânsito de uma forma livre, menos gramatical, para uma forma ligada, mais gramatical”. Nas considerações de Castilho (1997), a gramaticalização é o estudo de mudanças linguísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes, tais como clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões. De acordo com o autor ora referenciado, este processo de gramaticalização compreende os seguintes estágios: sintatização, morfologização, redução fonética e estágio zero. A sintatização de um item lexical é a fase em que este item é recategorizado, ou seja, tramita de categoria lexical para categoria funcional. A morfologização consiste na criação de formas presas, podendo essas ser afixos flexionais ou mesmo derivacionais. A redução fonológica é um processo que ocorre sempre que há a fusão de formas livres em formas presas, que se gramaticalizam como afixos. Por fim, o estágio zero retrata o momento máximo de exaustão da estrutura e indica a retomada da gramaticalização, que é um processo contínuo.

Para Kurylowicz (1965, p.32), a gramaticalização refere-se à “passagem gradual de um morfema de uma categoria lexical para uma categoria gramatical ou de um ‘status’ menos gramatical para um plano mais gramatical”. Martelotta et al. (1996), assim como Heine et al. (1991), postulam que a gramaticalização não se refere

propriamente a uma teoria da linguagem, mas a uma teoria de desenvolvimento das formas gramaticais. O que esses autores defendem é que a gramaticalização é um tipo de mudança linguística, assim como a mudança fonética e a lexicalização. Para Hopper & Traugott (1993, p. 1), a gramaticalização é definida como um processo em que “tanto itens lexicais e construções formam-se em certos contextos linguísticos para exercer funções gramaticais quanto itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais”. Tal definição aponta para a dinamicidade das línguas, uma vez que trata de formas já gramaticalizadas e que se tornam mais gramaticalizadas ainda.

Para este exercício sincrônico/funcional adotaremos o conceito de gramaticalização, de acordo com Heine et al. (1991), para designar um processo unidirecional, linear, em que itens lexicais passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais, tendendo a se tornarem mais regulares e mais previsíveis, uma vez que esse processo transporta o elemento do nível da criatividade momentânea do discurso para as restrições da gramática. O processo de gramaticalização é, portanto, irrecorrente, interminável e sempre ativo. Dessa forma, uma construção analítica, por exemplo, pode se gramaticalizar em uma construção sintética, que pode ser preterida em relação a outra construção analítica, que se gramaticaliza e, assim, sucessivamente (GONÇALVES, 2003).

Gramaticalização e os estudos sincrônicos

Embora a gramaticalização seja um processo predominantemente diacrônico ela pode também ser percebida em recortes sincrônicos. Givón (1995) postula que o processo de gramaticalização pode ser visto tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Para ele, uma construção linguística pode desenvolver-se gradualmente no tempo, passando por estágios diversos até chegar a uma gramaticalização plena, resultando em um processo diacrônico. Do ponto de vista cognitivo, a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida, ou seja, um item lexical, em determinado contexto, pode ter um uso gramatical. Assim, teremos um processo sincrônico.

Givón, Hopper & Traugott (1993) postulam que os estudos empreendidos acerca da gramaticalização podem ser observados tanto sob uma perspectiva diacrônica quanto

sincrônica. Em uma perspectiva sincrônica, a gramaticalização é entendida como um fenômeno morfossintático discursivo. Em português, por exemplo, temos as formas verbais de futuro sintético que convivem com as formas do futuro perifrástico, ou seja, há mais de uma possibilidade para expressar a mesma categoria gramatical, comprovando, desta forma, a dinamicidade dos usos linguísticos (GONÇALVES, 2003). Martelotta et al. (1996, p.27) defendem que, sob uma perspectiva sincrônica, é possível observar “um conjunto de polissemias coexistindo”.

Segundo Neves (1996), a questão acerca de a gramaticalização constituir-se em um processo diacrônico ou sincrônico liga-se ao caráter “gradual” *versus* “instantâneo”. Do ponto de vista histórico, o processo é gradual, e do ponto de vista da construção, instantâneo. Para a autora, embora possa ocorrer uma estrutura substituindo outra, em determinado momento ambas as formas, a velha e a nova, coexistirão. Essa variação não é nada mais do que o reflexo do caráter gradual da mudança linguística.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Para a realização desta pesquisa, seguimos uma metodologia que privilegia o discurso espontâneo extraído de um colaborador em momentos rotineiros. Foram selecionadas algumas sentenças construídas com o verbo *garantir* na flexão de primeira pessoa do singular do presente do indicativo. O objetivo deste exercício de gramaticalização com o verbo *garantir* é realizar uma análise sincrônica considerando os aspectos morfossintáticos e discursivos desta realização particular da construção verbal nos usos de falantes do município de Portel, situado no arquipélago do Marajó.

Para a coleta do *corpus* foi usado um aparelho de smartphone Samsung com um aplicativo de gravação de voz a partir de uma pequena entrevista semiestruturada. Foram coletadas narrativas orais espontâneas de um colaborador que deu plena permissão de gravação, embora não se tenha solicitado tal liberação por escrito. Foram coletados seis áudios em arquivo de mp3, que posteriormente foram transcritos para a catalogação de sentenças onde houvesse a presença do verbo “*garanto*”. O número total de sentenças onde se conseguiu encontrar o verbo *garantir* foram oito.

A tentativa de fazer a captura de uma fala natural não nos foi suficiente para a obtenção das ocorrências com o verbo. Assim, a partir das experiências de contato com o colaborador fui selecionando algumas ocorrências que já havia presenciado. Esta foi outra forma de coletar o *corpus*, embora não sendo uma coleta totalmente direta, mas realizando um esforço de tentar ser o mais fiel possível nesta coleta.

EXERCÍCIO DE ANÁLISE

No português brasileiro e em especial na variedade falada no interior do Marajó, alguns verbos vêm experimentando mudanças significativas no seu estatuto categorial em determinados contextos morfossintáticos. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, na mudança categorial do verbo *garantir* em contexto de primeira pessoa do singular do presente do indicativo que passa a ser usado não somente como um verbo pleno que acumula características morfossintáticas como um verbo transitivo direto e funcionando geralmente dentro de um predicado relacionando-se com os argumentos da sentença, mas também como um indicador de afirmação, ou uma circunstância de certeza, funcionando, neste caso, fora da estrutura oracional. Considerando os aspectos funcionais deste verbo e neste contexto entende-se que está acontecendo uma reanálise da estrutura verbal transformando aquilo que já exercia uma função gramatical na língua numa função mais gramatical ainda. O “mecanismo de reanálise atua no eixo sintagmático, caracterizando uma reorganização da estrutura do enunciado e uma reinterpretação dos elementos que o compõem” (MARTELOTTA *et al.*, 1996, p. 57). Nas ocorrências de (1) a (8) pode-se notar a nova reorganização do verbo *garantir* e as características peculiares desta forma verbal que aqui apresenta uma nova função gramatical. Abaixo, apresentamos as oito ocorrências do verbo *garantir* no contexto de primeira pessoa do singular do presente do indicativo com essa nova função gramatical:

- (1) *Bem que ele não vai trabalhar hoje, **garanto**.*
- (2) *A Rebeca tá escolhendo umas roupas e acho que gostou, **garanto**.*
- (3) *Ele foi atrás do rapaz, **garanto**.*
- (4) *O home nem veio entregar a encomenda, **garanto**.*

- (5) *Acho que bem veio pagar a conta, **garanto**.*
- (6) *A Rebeca vai ficar na loja e não vai largar esse celular, **garanto**.*
- (7) *Ele nem vai não sair daqui, **garanto**.*
- (8) *Amanhã ele vai bem encher a cara dele, **garanto**.*

As sentenças que acompanham o verbo *garantir* apresentam uma estrutura bastante natural do português com predicado, com sujeito marcado no início da sentença e com verbos plenos de transitividade. A ordem sintática desta sentença é SVO. Algumas delas estão organizadas em período composto como a ocorrência (2) e (6); outras apresentam locuções verbais e verbos na forma nominal de infinitivo, como na ocorrência (1), (4), (5), (6), (7) e (8). Com relação à ocorrência (7) há uma idiosincrasia interessante: entre a locução verbal há uma palavra de negação que parece funcionar como reafirmação da negação, embora no início da sentença já se tinha a palavra “*nem*”, a qual já indica negação.

Com relação às ocorrências do verbo *garantir*, observa-se que ele se apresenta com uma posição fixa no enunciado, ou seja, não há mobilidade. A forma gramaticalizada “*garanto*”, em todas as sentenças, ocorreu absolutamente no final do enunciado. Tal posição parece ser propositalmente feita para apresentar a marca de afirmação depois da proposição da sentença, ou seja, o falante produz a sentença na modalidade afirmativa e posteriormente anexa o item “*garanto*” no final para confirmar tal afirmação. Assim como um advérbio, o verbo “*garanto*” exprime a circunstância de afirmação, certeza e ocorre sempre na posição final do enunciado ou até mesmo fora dos limites da sentença.

Tomando como exemplo (9) e (10) abaixo:

- (9) *O presidente declara: “**Garanto** novos postos de emprego em 2017”.*
- (10) *Acho que bem veio pagar a conta, **garanto**.*

Os verbos “*garanto*” dos exemplos mostram funções gramaticais diferentes e em contextos específicos de uso. Em (9), o verbo se apresenta sintaticamente como transitivo com complemento direto. Nos usos como verbo pleno ele geralmente aparece no meio da sentença ou no início, quando não possui sujeito marcado. O

verbo *garantir*, embora também a mesma estrutura morfológica do verbo pleno, ou seja, primeira pessoa do singular do presente do indicativo, e embora nunca apresente sujeito marcado, não subcategoriza complementos ou argumentos internos ou externos na sentença.

(11) *O presidente declara: “Não **garanto** novos postos de emprego em 2017”.*

(12) **Acho que bem veio pagar a conta, **não garanto**.*

Apesar de o verbo apresentar uma forma fixa (1ª pessoa sing. pres. ind.), a forma mais gramaticalizada, que se reanalisou numa circunstância que tem o papel de reforçar uma afirmativa, mostra outra singularidade interessante que é de não aceitar a negação. O verbo *garantir* em sua forma plena aceita a negação como está mostrado em (11), mas em (12) a sentença se mostra menos possível no sistema linguístico, e, portanto, agramatical. O verbo mais gramaticalizado passou a não aceitar a negação, pois fugiria de sua função que é reafirmar, ou reforçar uma certeza.

Assim, o verbo “*garanto*” se apresenta com as seguintes características descritas: ambiente de primeira pessoa do singular do presente do indicativo; está fora dos limites da sentença; não subcategoriza argumentos; não aceita a negação, e aparece no final do enunciado absolutamente sozinho. Estas observações morfossintáticas determinam o *status* de gramaticalização do verbo *garantir* na variedade linguística falada no município de Portel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo objetivou-se estudar o processo de gramaticalização do verbo *garantir* num recorte do presente, realizando, desta forma, um estudo exclusivamente sincrônico. A análise deste recorte atual permiti-nos deduzir que o processo de gramaticalização do verbo *garantir*, no ambiente de primeira pessoa do singular do presente do indicativo, é recorrente na variedade linguística portelense. A forma gramaticalizada “*garanto*” mostra certas particularidades morfossintáticas de uso que

mostra uma nova função deste verbo dentro do discurso. A função de elemento reafirmador do enunciado.

Esta pesquisa nos possibilitou entender um pouco mais esta nova função gramatical do verbo *garantir* e os principais contextos de realização. Assim, conclui-se que este elemento gramaticalizado mostra algumas peculiaridades semânticas, morfológicas e sintática que determinam sua ocorrência, os quais descrevemos da seguinte forma: a) sempre ocorre em ambiente de primeira pessoa do singular do presente do indicativo; b) sempre aparece fora dos limites da sentença; c) não subcategoriza argumentos, como sujeito e objeto; d) aparece sempre no final do enunciado, absolutamente sozinho e separado por vírgula.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A gramaticalização. Estudos lingüísticos e literários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 19, pp. 25-63, mar. 1997.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COELHO, Sueli Maria. **Uma abordagem teórica da mudança lingüística sob a perspectiva da gramaticalização**. Alpha – Revista da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do UNIPAM, Patos de Minas, n.5, p.132-141, 2004.
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GONÇALVES, S. C. L. LIMA-HERNANDES, M. C. & CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. 2003. 250f.

- Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KURYLOWICZ, Jerzy. **Esquisses Linguistiques II**. München : Fink, p. 38-54, 1965.
- LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch**. Vol. 1. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien Projekts 48, 1982.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CESÁRIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.
- MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, p.130-148, 1912.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Falar de... e dizer que... Ou: A construção das predicções. In: **Texto e Gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- TIMÓTEO, Lidianeiza de Moura. **As manifestações epistêmicas e evidenciais como marcas de (des)comprometimento em artigos científicos** – 2011. 140 f. : il., enc. ; 30 cm.
- VOTRE, S. J.; CESÁRIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.